

MONIZ BANDEIRA

VERTICAIS

869.1
B7442

RIO DE JANEIRO — 1956

A MEUS PAIS

A MINHA AVÓ LAURINDA MONIZ DIAS LIMA

DEPARTAMENTO DE IMPRESSÃO NACIONAL	
BRASÍLIA	
NUMERO	DATA
551	21/6/57

PARA EDMUNDO MONIZ

NA HORA BRANCA

Na hora branca
minha memória
meus pensamentos
não montarão
o cavalo dos ventos.

Nessa hora
não estarei presente
pois as distâncias
estarão queimadas
pelo vento morto,
pelo vento sêco,
pelo vento.

E o pássaro pousado no silêncio
tomará nesse momento
na semicircunferência
de mundos perdidos.

MIRAGENS

No deserto e no mar, as noites mortas
quedam fundidas em silêncio e sombra.
E as visões que se acendem nos meus olhos
se diluem nas linhas do horizonte.

Num sono branco
os corpos se completam.
E os barcos se prolongam
sob o céu desvelado das origens...

Relâmpagos de sangue,
um amargo de raízes na bôca...
Esquecidas de mim,
as miragens se apagam.

SONETO ANTIGO

A sombra nos separa os corpos imanados
pelo desejo vão de volúpias sonoras.
A distância prolonga o eco aflito das horas
em que pensei unir a dor dos nossos fados.

Ainda, porém, eu sinto, e te digo se ignoras,
do vento o frenesi sôbre portões fechados.
E ouço um galope antigo... os cavalos alados
das minhas ilusões transcendendo as auroras.

Reflito-me no espelho oculto de mim mesmo.
A distância é demais! Qual dois mundos, a êsmo,
rolamos para um choque à margem dos abismos...

E rompem-se na treva os panoramas largos,
onde a lua escorreu como suores amargos,
lentamente, da noite irreal, nos organismos...

Eu sei quem é
pois nasci para falar a todos os revoltados.
Em meu sangue fervilha a insurreição
da Liberdade e do Amor.

Eu sei quem é,
mulher envôlta em horas de agonia.
Sim. Sei que todos os desesperados
chamam-na simplesmente:

PAZ

BALADA DAS ÁGUAS AUSENTES

Vem... vem de longe, de longe,
lá das campinas secadas,
do sol vermelho dos montes,
dos desertos de silêncio
para as terras mais distantes,
buscando as águas ausentes.

Vem sem mulher e sem filhos
para as cidades das fábricas,
pelos desertos caminhos,
pelas trilhas do deserto,
lá das terras que não bebem,
buscando as águas ausentes.

E na praça êle ficou!
Por lá passaram os homens,
por lá passaram as máquinas
comendo as horas sem tempo
e não o viram na praça
buscando as águas ausentes.

E na praça êle morreu!
Já cansado dos caminhos,
dêses caminhos sem fim,
morreu sòzinho e deserto,
todo vestido de sêde,
buscando as águas ausentes.

POEMA PARA A MENINA DE VERDE

Noite enfêrma,
calor, cansaço,
sensação de vazio,
e o mundo se reduz
a uma equação desesperada,
plena de números sem nexos.

Desejo de sombra,
desejo das pernas
da menina de verde
que dobrou a esquina.

Sinos dobram dentro de mim,
dentro da noite,
dentro do mundo.

— Ó menina do vestido verde
que dobrou a esquina!
Suor, calor, gritos decapitados,
palavras de moribundo,
calor que não é de mulher
nem do corpo ainda tenro
da menina do vestido verde.

Apagou-se o lampião
das ruas de minh'alma!
Vou lavar meu rosto
nas águas da noite,
nas águas pesadas do sono.
Oh! ainda quero pegar
o trem das minhas palavras
que parte para longe,
para não sei onde,
para além de mim,
levando a menina
do vestido verde
que dobrou a esquina!

— Ó êste mundo que não sou,
que apenas sinto,
em que apenas vivo,
mas que morreu com a última visão
das pernas brancas
da menina do vestido verde
que dobrou a esquina!...

Morrem horas nos ponteiros,
suor de tempo aflito,
nuvens agonizantes,
calor, cansaço, sono,
— ó noite enfêrma
em que vi a menina
do vestido verde
dobrar uma esquina
perdida em si mesma!...

POEMA IMEDIATO

Antes que eu seja um barco abandonado
aos caprichos das ondas,
um espelho partido, um mar sem horizontes,
quero sentir-me em ti,
ó mulher concebida em manhã clara de sol!
Nessa hora incompleta,
que as flôres do meu desejo desabrochem
unicamente para o teu calor!
E quando as estrêlas deixarem de cantar,
ou a borboleta da aurora
sobrevoar nossas fronteiras,
parado o tempo,
tu, que és triste, saberás compreender
a minha pálida solidão...

INSÔNIA

Ao canto do galo
nas tuas madrugadas,
as estátuas
se despiram do sono.
Mas se buscas
no espelho
o teu primeiro sorriso
encontrarás somente
o tempo
e o silêncio dos mortos.

POEMA REFLEXO

Quero sonhar um poema que seja como o teu sexo
de carta ainda não lida,
um poema que te reflita despida de tempo e de forma
na expressão mais simples das tuas origens.

A ti ofertarei então uma alvorada,
um canto de pássaro,
uma estrêla colhida nos teus próprios cabelos.

Quero sonhar um poema que seja como a tua imagem
de olhos profundos,
a tua imagem que tanto me dói,
a tua imagem afogada na minha memória.

E tu me vens em sonho
trazer a flor da tua vida
ainda úmida pelo suor da noite de que brotou.

Quero que seja um poema feito de ti
em palavras de carne,
um poema cujo ritmo seja o das águas da fonte,
das águas de teus olhos.

Aí, doente de mim
verei uma cabeça triste a flutuar na lua.

INTROSPECÇÃO

Eu sou aquêle que traz em si
o cansaço dos séculos passados
num incontido anseio de ser além do ser.

E trêmulas imagens de ninfas e de faunos
sustenho nas mãos que tocaram
a fronte do crepúsculo.

Mas,
quebrado o espelho de minh'alma
meus pensamentos rolarão por terra.

SONETO

Eu trago em mim contínuos movimentos
de máquinas, de gentes apressadas,
e um tormento de ser o que não sou
projetado na pedra adormecida.

Guardo um sentido ultramarino puro,
ocultado na dor de outros sentidos,
e uma visão dos gestos desvairados
da bailarina em fuga de si mesma.

Retenho na garganta a tempestade
que inexiste na bôca dos que morrem,
além da terra, desejando a terra.

E as mãos dos afogados sôbre as águas,
que levo no meu ser de mar antigo,
são árvores plantadas pela angústia. . .

POEMA DA SOLIDÃO

Que a minha voz
rasgue o silêncio
da noturna solidão
chamando por ti.

Teu corpo de fôlha verde
ainda úmida
se perdeu
pelo orvalho das madrugadas.

Mas tatuando as paredes
das noites não dormidas
procuro embalde
sentir o calor da tua presença.

E entre esperanças que se esvaem
como frisos n'água
ouço rumores
de espelhos que se quebram.

POETA DE ARGILA

O poeta de argila
permaneceu parado na forma.
Noturno e adâmico
faltou-lhe o sôpro da vida.

Coberto de limo
atravessou o tempo.
Mas sòmente imortal porque não teve em si
um pouco de vida para morrer.

TROVA

A fôlha morreu no outono
como um vagido
que cai no silêncio
antes de ser palavra.

ÊXTASE

Uma angústia sem fim acende-se da ignota
extensão olvidada aos primeiros amplexos.
Por entre as vibrações de múltiplos reflexos,
uma lua indecisa em teus cabelos brota.

Das mãos abre-se um céu de sensação remota,
no teu olhar rasgado e em teus lábios perplexos
fazem-se ressonar os impulsos dos sexos
e o chamamento aflito ao corpo que se esgota...

Sente-se palpitar os mares de teu ventre,
cantar a tempestade aplacada por entre
as nuvens de uma dor em prazer renascida.

E um sonho penetrando o sono de dois mundos
enlaça-os na atração de desejos profundos,
estremecendo a vida ao ressurgir da vida...

CONTATOS

O quadrante baixou
marcando as trilhas brancas de teus seios.
E nas ondulações de teu corpo
confundiam-se a espuma e as nuvens das palavras.

E silêncio se fez.
Sòmente o rumor de uma raiz
transplantada em idades longínquas se podia escutar.
Palavras eram nulas
pela ausência remota e impura da matéria.

Tempo morto!
Nasceu por entre as sombras mudas
um desejo redondo e vivo desta carne que é tua.

Mas vem descansar nas pétalas tranqüilas
de um sonho desfolhado ao vento
o quadrante
que de leve desceu no sono de teu corpo.

BALADA PARA A LUA NOVA

Lua branca.
Lua nova.

Lua na frente
tranqüila
de um deserto
imaginário.

Lua presente
no povo.
Lua que sofre
com êle.

Mas não quero
ver a lua
nos olhos da namorada.
Prefiro vê-la
sonâmbula
na boca das prostitutas.

Quero ver a lua
na rua
nas esquinas
e nas fábricas
nas praias
brancas e mortas
e no céu de tempestade
mas não quero
ver a lua
nos olhos da namorada.

Lua branca.
Lua nova.

LENDA

Em silêncio
uma estrêla caída
uma esperança morta
boiando sôbre o mar.

Sem destino
sem razão
as gôndolas do luar
navegam tranqüilamente
sôbre o mar.

Nas areias
ao luar
entre sargaços
e espumas
há uma virgem sem vida
trazida do mar.

E ao longe
num monte
um pescador a chorar.
Concha vento estrêla e virgem
sôbre o mar.

NOITE DE NATAL

Nesta noite
de tôdas as noites
dormidas silenciosamente
eu estive desperto
na vigília das horas
que passavam pesando
as minhas pálpebras cansadas.

Nesta noite
ofertei ao tempo
tôdas as lembranças
que restavam
daquela que comigo
brincava no tempo da infância.

Nesta noite esperei-a.
Mas em vão.
A longa noite de Natal
e de intérmina espera
passou por sôbre as minhas mãos
sem nada me deixar.

Agora
quero um pedaço de crepúsculo
para cobrir
o reflexo
daquela quando criança.

E seguirei
no cego labirinto
das memórias
levando nos meus olhos
infinitos desdobrados
e céus sem uma estrêla.

UMA ALVORADA NÓS SEREMOS

Se pássaro e se fôlha formos nós
seremos alvoradas sempre abertas
de onde germinarão os dias
fecundados
no silêncio
das madrugadas plenas.

Sim
eu e tu
pássaro e fôlha
seremos sempre uma alvorada aberta.

ALVORADA ESTRANHA

Os horizontes cresceram à tua partida
A noite se fez sentir profundamente em mim,
afogou-me o sono,
perdeu-se o tempo no cantar sonâmbulo dos galos
restou-me apenas o eco de tuas últimas palavras
e depois o silêncio,
o silêncio de tôdas as distâncias.

E quando as terras se abrirem sob os meus pés
quando a última estrêla desaparecer no céu de aurora
e uma onda levar o meu adeus perdido,
morto o sonho,
além de ti verei raiar um sol sem luz.

NOCTÍVAGO

Sonâmbulo te levo dentro da noite
como se te sentisse o pássaro das mãos
pousando em meus cabelos
O calor das madrugadas em que sonhei
moldar teu corpo
aquece a solidão de meus passos nas ruas
E' que sôbre a calçada
um coração bate ao léu de brancos edifícios
acomodados em sono
E a tua voz perpetuada em gêlo
vibra nos longos labirintos do meu ser
Mas sômente acompanha-me
o silêncio dos adormecidos
enquanto vago
procurando a lua que tombou na terra.



VOZES

Em memória de FRANCISCO MONIZ

Penso ouvir-te a voz
nos búzios
e nas conchas.

Mas são apenas
rumores errantes
e esquecidos
de um ruflar
de mariposa
nas vidraças partidas.

SONETO

Venha! Teça os cabelos sôbre a fronte
ou os deixe escorrer sôbre os seus seios
— duas ovelhas alvas como a aurora
pastando no deserto de seu corpo.

Não deixe o rio dos cabelos negros
congelar-se no inverno do desprêzo,
nem queira que êle inunde as grutas onde
habitam os morcegos oculares.

Venha! Traga-me a paz nos seus cabelos,
traga-me a liberdade no seu hálito
para bebermos a água da alvorada!

Quero vê-la no lago da memória,
despida de matéria, em forma líquida,
para um perfil no mármore do tempo!

SONÂMBULO

Convergência de linhas
môça bailando nua
Gôndolas invisíveis
navegando para a lua.

Sonho de sono extinto
sonho que continua
Gôndolas invisíveis
navegando para a lua.

NOTURNO

Enquanto os edifícios
como grandes fantasmas
ingeriam silêncio,
o último bêbado
girava em si mesmo
como um astro
perdido.

"VENI"

Eu vim de longe
para aquecer-me nos teus contornos.
Sôbre as mãos
que não puderam tocar-te
o frio se fêz
constante pesadelo.
Por isso
vim de longe
para trazer-te o meu silêncio azul.
E nessa noite
receberás a mim
na suprema inquietação
de um náufrago
sôbre as rochas.

AMOR

Os braços da amada estão crescendo
e como serpentes deliram.
Os telefones chamam.
Sexo em forma de conchas,
dois corpos sem fronteiras.
O limo cresce sôbre as pálpebras da amada
e os telefones chamam,
chamam,
continuam chamando.
As pedras exsudam
e gemidos são enforcados nos dentes.
Há um sabor de mistério revelado nos lábios.
Os barcos soltam as amarras
e partem.
Depois,
apenas o sentido dos olhares
e a identificação dos silêncios.
Ao longe das janelas abertas
Ninfas e Faunos brincam de apagar estrêlas.
O luar incendeia-se.
E os telefones chamam,
continuam chamando mas ninguém atende.

COMPOSIÇÃO

Num espaço transparente
as curvas se movimentam.

E as côres sem forma
— amarelo e sombra —
se fazem claro
ao infinito.

Mas sôbre um plano de luz
um vertical branco
continua
 caindo,
 caindo.

TEMPO

Depois de mim,
o limo vestirá meus versos,
as mulheres continuarão mulheres.
Outros homens virão.
As lágrimas da amada
serão sono e vinho
depois de mim.
Haverá um mar cheio de velas sem vento,
haverá um mar
continuando o mar e o tempo
depois de mim.

Ah! o tempo!

AO CREPÚSCULO

O crepúsculo prolongou-se até as palmas das minhas mãos
estendidas ao vento por que te mando o meu adeus.

E tudo é silêncio.

A esta hora,

vejo-te na estrêla vésper,

como imagem de sonho consternado pela solidão.

Mas eu sou o cavaleiro de todos os crepúsculos,

montando palavras selvagens,

a percorrer sangrando estradas que se desdobram com o

[surgir da noite,

em busca da tua primeira lembrança que o vento levou e

[o mar não devolveu.

E o crepúsculo é a outra face das velas de barcos em silhuetas,
é o meu desejo esmagado na distância pelo último momento

[em que,

absoluta,

te senti presente aos meus olhos de pássaro sem pouso.

Há um sabor de lágrima contida.

Crepúsculo!

E tudo mais é silêncio...

ÍNDICE

Na hora branca	3
Miragens	4
Soneto antigo	5
Princípio	6
Elegia da Paz	7
Balada das águas ausentes	9
Poema para a menina de verde	11
Poema imediato	14
Insônia	15
Poema reflexo	16
Introspecção	18
Soneto	19
Poema da solidão	20
Poeta de argila	21
Trova	22
Êstase	23
Contatos	24
Balada para a lua nova	25

Lenda	27
Noite de Natal	29
Uma alvorada nós seremos	31
Alvorada estranha	32
Noctívago	33
Vozes	34
Sonêto	35
Sonâmbulo	36
Noturno	37
“Veni”	38
Amor	39
Composição	40
Tempo	41
Revelação	42
Ao crepúsculo	44